

de Aveiro
mento de Educação

Organizadores:

Alexandre Ventura
Jorge Adelino Costa
António Neto Mendes

Escolas, competição e colaboração: que perspetivas?

99-380-5



3 805

Título
Escolas, competição e colaboração: que perspetivas?
VII Simpósio de Organização e Gestão Escolar

Organizadores
Alexandre Ventura
Jorge Adelino Costa
António Neto-Mendes

Edição
Universidade de Aveiro
Campus Universitário de Santiago

Apoio
Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores

Tiragem
350 exemplares

Paginação e Impressão
Realbase - print & web services
www.realbase.pt
geral@realbase.pt

ISBN
978-972-789-380-5

Depósito Legal
N.º 360949/13
Os textos respeitam a norma ortográfica proposta pelos respetivos autores.

Catálogo recomendada
Simpósio de Organização e Gestão Escolar, 7, Aveiro, 2013

Escolas, competição e colaboração: que perspetivas? /
VII Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar;
org. Alexandre Ventura, Jorge Adelino Costa, António Neto-Mendes.
- Aveiro: Universidade de Aveiro, 2013. - 712 p.
ISBN 978-972-789-380-5 (brochado)

Organização escolar // Diretor // Políticas educativas

CDU 371

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do editor

Índice

Nota Introdutória 11

Parte I Conferências

Nueva gobernación en educación: competición versus colaboración 15
Antonio Bólvvar

A nova governação e a reconfiguração das políticas educativas: entre a 'competição' e a 'escolha' 43
António M. Magalhães

Justiça, Direitos Humanos e Educação na Era dos Mercados: entre a competição e a cooperação ..57
Carlos Vilar Estêvão

Parte II Comunicações livres

Exlo temático 1: Políticas

Contratos de autonomia das escolas no sistema educativo público português: Dinâmicas organizacionais promovidas pela contratualização 67
Armando Cunha
Nilza Costa

Do Estado (não) Educador aos Agentes Educativos Gestores de Emoções 79
Maria Augusta Veiga Branco
Maria Isabel Ribeiro
Celeste Antão

Gerencialismo ou gestão democrática: o banco mundial e a avaliação da Educação Básica num estudo de caso no município de Novo Hamburgo/RS, Brasil..... 89
Berenice Corsetti

Da política educativa às práticas curriculares 99
Carla Lacerda
Henrique Ramalho

A "Escola a Tempo Inteiro" – monopolização de um serviço público de educação pela escola pública e formas de privatização 109
Carlos Pires

Violência nas Organizações Escolares da RAM: Quando os professores são as vítimas...

Mónica Helena Sousa Gonçalves

António Veloso Bento

CIE, Universidade da Madeira

Maria Isabel Ribeiro

CETRAD, UDI, Instituto Politécnico de Bragança

Introdução

Com frequência, somos alertados, pela comunicação social, para situações de *bullying* que ocorrem nas escolas. Contudo, este fenómeno não se resume apenas aos alunos. Os professores também são vítimas de comportamentos abusivos e repetitivos por parte dos seus alunos. Barros (2010, p. 99) afirma que:

há autores que consideram o bullying como um caso particular de violência. Porém, é consensual, que apesar de ser, indiscutivelmente, uma actuação violenta, caracteriza-se de forma específica, tornando-se distinto de uma mera agressão e, por isso mesmo, configura uma forma específica de atuação.

O termo *bullying* pode ser caracterizado por ações negativas que podem ser de carácter verbal, físico, psicológico e sexual e ainda psicológico (Seixas, 2006). O *bullying* é normalmente associado ao comportamento agressivo entre pares ou seja de aluno para aluno. No entanto, este conceito também é usado na literatura para designar comportamentos de violência (física, verbal e psicológica) praticada pelos alunos aos professores, quando exercida de forma persistente fazendo com que a prática do docente seja colocada em causa. Segundo Rodríguez (2007, p. 177) "quando os alunos não permitem que o professor dê uma aula, quando as agressões a alunos e professores estão na ordem do dia, não é fácil para um professor explicar gramática e transmitir valores positivos."

Podem ser muitas as causas na origem de comportamentos violentos por parte dos alunos em relação aos docentes. Debarbieux (2007, p. 148-149) desperta-nos para o facto de não existir uma "causa da violência", pois "cada fator em si não é, de modo algum, uma explicação suficiente". Segundo Carvalhosa (2010, p. 29) é possível reduzir o *bullying* nas escolas, mas para que isso aconteça são necessários três pré-requisitos:

- *Identificação* – passa pelo reconhecimento da existência do problema;
- *Clareza* – criar um clima onde o bullying possa ser *discutido*;
- *Domínio* – envolve a participação na política anti-*bullying* de pais/ encarregados de educação, educadores/professores e alunos.

Esta investigação teve como objetivos perceber de que maneira o fenómeno do

bullying/violência sobre os docentes se expressa na Região Autónoma da Madeira (RAM), e, ainda, de que forma o docente é afetado por esta situação.

Material e Métodos

Foi desenvolvido um estudo quantitativo, transversal e descritivo com base numa amostra, probabilística estratificada por concelho da Região Autónoma da Madeira (Figura 1).

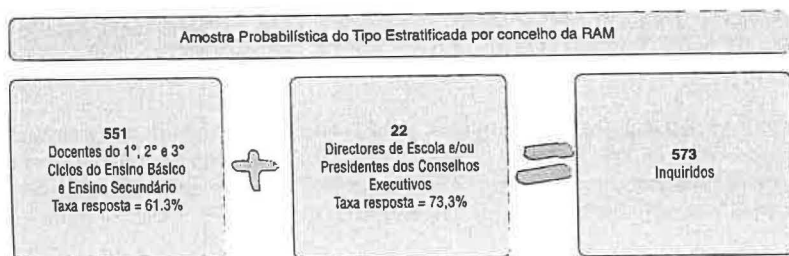


Figura 1. Tipo de Amostra e taxa de resposta

Assim, e tendo por base o que a literatura aponta, Sousa (1999) afirma que *“para se utilizar este tipo de amostragem é essencialmente necessário que se conheçam bem as características dos estratos da população que se pretende estudar e organizar uma amostra com uma dimensão adequada”* (p. 68). Como tal, foram auscultadas as escolas públicas da RAM dos vários níveis de ensino (1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário). Assim foram inquiridos um total de 573 indivíduos, dos quais 22 eram Directores de Escola e/ou Presidentes dos Conselhos Executivos e os restantes 551 eram docentes em exercício de funções do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário.

Tabela 1. Caracterização dos inquiridos

Variáveis	Grupos	Directores e Presidentes (22)		Professores (551)	
		n	%	n	%
Ciclo de ensino	1º	16	72	211	37
	2º	6	27	134	24
	3º e Secundário			211	38
Género	Feminino	14	64	388	70
	Masculino	6	36	163	30
Habilitações	Bacharelato	-	-	11	2
	Licenciatura	17	77	471	85,5
	Pós-graduação	4	18,2	40	7,2
	Mestrado	1	4,5	27	4,9
	Doutoramento	-	-	1	0,2
	NR	-	-	1	0,2

Directores e Presidentes Executivo		Professores	
Medidas de Tendência Central e de Dispersão relativas à idade			
Média = 45 DP = 9,2	Min = 31 Max = 60	Média = 38 DP = 8,3	Min = 21 Max = 55
Medidas de Tendência Central e de Dispersão relativas tempo serviço			
Média = 21 DP = 8,2	Min = 8 Max = 34	Média = 12,9 DP = 8,7	Min = 0 Max = 41
Medidas de Tendência Central e de Dispersão relativas tempo liderança			
Média = 6 DP = 5	Min = 0,5 Max = 21		

A amostra relativa aos Directores e Presidentes do Conselho Executivo era constituída por 30 elementos, contudo, apenas se obtiveram 22 inquéritos devidamente preenchidos. Dos 22 sujeitos, 16 são Directores de estabelecimentos de ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (72%) e os restantes 6 elementos são Presidentes do Conselho Executivos das escolas de 2º- 3º Ciclos e Secundário (27%). No que diz respeito ao género e idade constata-se que a maioria é do género feminino (64%) sendo a média da idade de 45 anos (DP±9,2). A maioria dos Directores/Presidentes dos Conselhos Executivos era licenciado (77%) (tabela 1), tinha em média 21 anos (DP±8,2) de tempo médio de serviço e exercia a atividade de Diretor/Presidente do Conselho Executivo, em média, há 6 anos (DP±5).

Quanto aos professores, verificou-se que 206 respondentes eram professores do 1º Ciclo do Ensino Básico (37%), 134 eram professores do 2º Ciclo do Ensino Básico (24%) e por último, 211 (38%) eram professores do 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. A maioria era do género feminino (70%), possuía como grau académico a licenciatura (85,5%) e registou-se uma média de idades de 38 anos (DP±8,3), e tinham em média 12,9 anos de serviço (DP±8,7) (tabela 1).

A recolha dos dados, feita através da aplicação de 2 questionários, um direccionado aos professores e o outro direccionado aos Directores e Presidentes do Conselho Executivo, decorreu de 21 de Março de 2011 a 31 de Julho do mesmo ano. O questionário foi aplicado, após concedida autorização pela Secretaria Regional da Educação Da RAM sendo o tempo total de preenchimento de cerca de 10 minutos.

Para estudar o fenómeno do *bullying*/violência nas organizações escolares, quando os professores são as vítimas foram utilizadas para construção dos questionários as dimensões que se seguem (Figura 2):

- Dados Pessoais;
- Dados Profissionais;

- Representações dos Docentes em Relação ao Bullying;
- Identificação de Situações de Bullying/Violência em Contexto Escolar;
- Reflexão: Bullying e Contextos.

O programa informático utilizado para editar e tratar os dados foi o SPSS 18.0 (*Statistical Package for Social Sciences*). No que diz respeito ao tratamento dos dados e análise dos resultados, foi realizada uma análise descritiva univariada, designadamente, cálculo de frequências absolutas e relativas e cálculo de medidas de tendência central (Média) e de dispersão (Desvio padrão, Mínimo e Máximo).

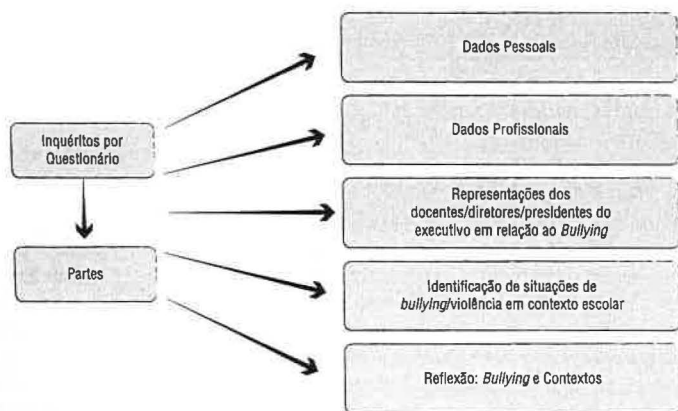


Figura 2. Estrutura dos questionários

Resultados

Representações dos Docentes/Diretores/Presidentes dos Conselhos Executivos em relação ao Bullying

Verificou-se que, de um modo geral, as respostas dos Diretores/Presidentes dos Conselhos Executivos reuniram consenso, uma vez que a média de resposta se situou no valor 4 (*Concordo*). De salientar que o item "A escola dispõe de meios/recursos para dar resposta a um professor vítima de bullying", foi o que teve a média mais baixa, uma vez que quase todos os respondentes fixaram as suas respostas entre o *Discordo* e o *Nem Concordo Nem discordo*. Ou seja a grande maioria dos inquiridos não reconhece a existência de meios ou recursos que a escola possa utilizar numa situação destas (Figura 3). Segundo os professores, a escola não dispõe de meios ou recursos para auxiliar um docente que é vítima de bullying. Os docentes consideram ser importante uma boa comunicação dentro da sala de aula como meio preventivo de comportamentos de indisciplina. É também atribuída importância ao papel que os pais/encarregados de educação desempenham na educação

dos seus filhos, apostando mais em comportamentos afetuosos e de respeito, em detrimento de comportamentos violentos (Figura 3).

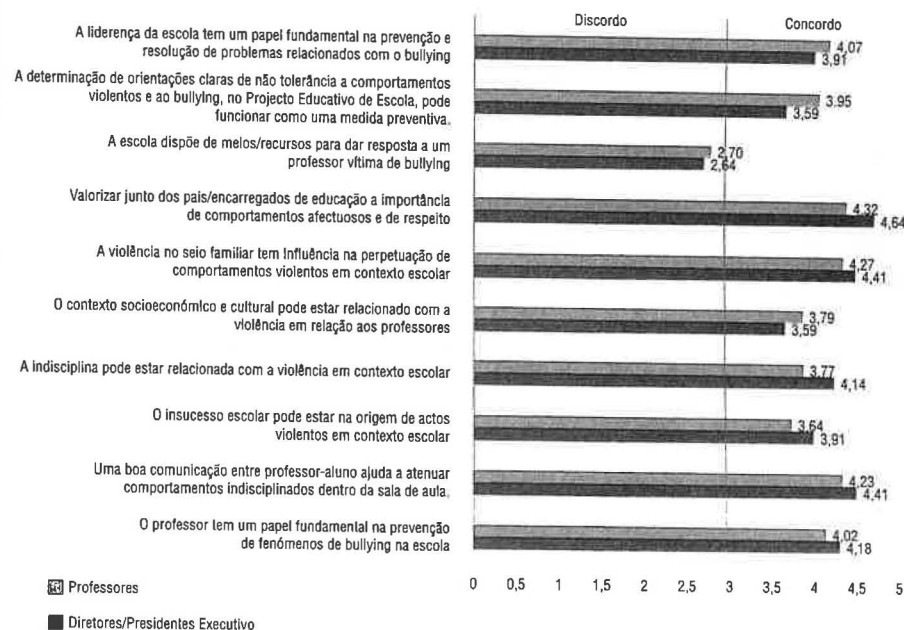


Figura 3. Opinião dos respondentes face à problemática do bullying

Identificação de situações de bullying/violência em contexto escolar

Pretende-se neste ponto identificar comportamentos que os Diretores/ Presidentes dos Conselhos Executivos e professores consideram ser os mais frequentes em atos de bullying que envolvem professores. Pela leitura da figura 3, os Diretores de Escola/ Presidentes dos Conselhos Executivos consideram ser pouco frequentes estes fenómenos, sendo os mais frequentes, o *insulto* (nível médio de frequência=2,62) e a *ameaça* (nível médio de frequência=2,36). A mesma opinião têm os professores, embora considerem que o insulto é um ato que ocorre com alguma frequência (nível médio de frequência=3,17) (figura 4).

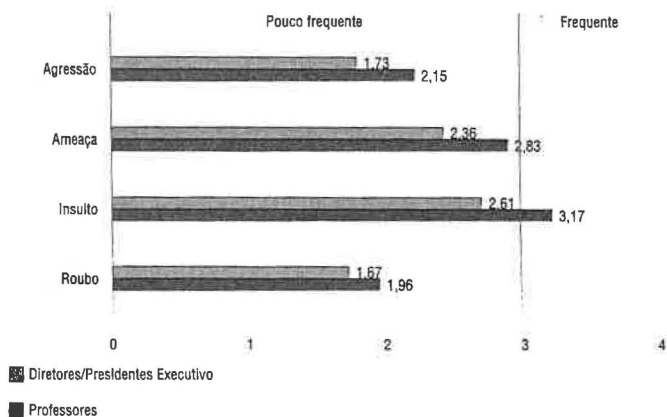


Figura 4. Identificação de situações de bullying na RAM

Em relação à questão se “tem conhecimento de algum professor que já foi vítima de qualquer tipo de bullying por parte dos seus alunos nesta escola”, constatou-se que a são os professores quando comparados com os Diretores/Presidentes dos Conselhos Executivos, os que conhecem mais situações de colegas que vivenciaram situações de bullying/violência (36% para 27%).

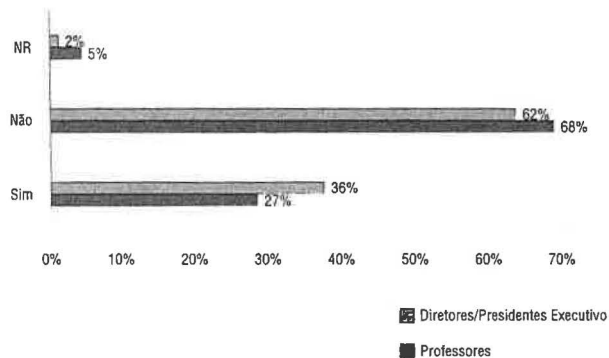


Figura 5. Conhece algum professor que foi ou é vítima de bullying?

Em relação à questão “Já alguma vez ao longo da sua carreira foi vítima de bullying por parte dos seus alunos?”. Verificou-se que nenhum dos inquiridos Diretores/Presidentes dos Conselhos Executivos foi vítima de bullying. Contudo, 23% dos professores afirmaram já ter sido vítimas de bullying/violência escolar pelo menos uma vez ao longo da sua carreira (figura 6), sendo a violência verbal a forma de bullying/violência escolar, mencionada pela

esmagadora maioria dos inquiridos professores (86,8%) (figura 7).

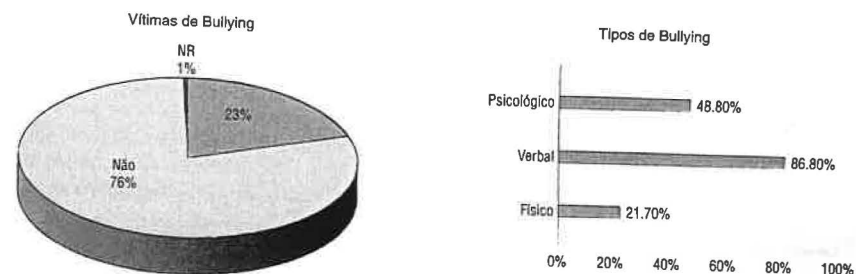


Figura 6 e 7. Número de professores que foram vítimas de bullying e tipos de bullying (n=129)

Em relação à questão “No seu entender que de forma o percurso profissional do docente pode ser colocado em causa perante uma situação de bullying/violência?” as respostas foram convergentes. De um modo geral, os Diretores de Escola/ Presidentes dos Conselhos Executivos e professores focaram as seguintes situações:

- Coloca em causa a continuidade na profissão;
- Desmotivação no desempenho das funções;
- Imagem socioprofissional degradada;
- Instabilidade emocional;
- Perda de autoridade;
- Perde do autocontrolo;
- Sentimento de insegurança no desempenho profissional;
- Stress causado pela situação.

Já os professores destacaram as situações de:

- Danos psicológicos causados pela instabilidade emocional;
- Descrédito do professor, com consequente perda de autoridade;
- Desmotivação do docente, provocada pela baixa autoestima;
- Prática letiva afetada, com consequente alteração do clima de aula;
- Sentimento de humilhação e vergonha perante a turma.

Reflexão: *Bullying* e Contextos

Com esta seção pretendeu-se recolher opiniões e sugestões dos Diretores de Escola e Presidentes dos Conselhos Executivos relativamente a algumas medidas preventivas na questão do *bullying*/violência em contexto escolar. Pode ver-se através da figura 8, que apenas a medida "Policiamento na escola" teve um nível baixo de concordância por parte dos Diretores/Presidentes do Executivo.

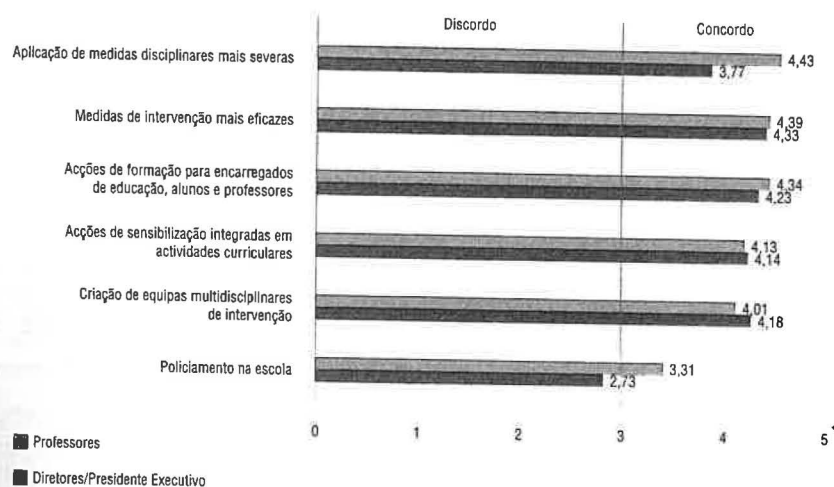


Figura 8. Nível de concordância com as medidas de combate ao *bullying*

Foram ainda colocadas mais algumas questões abertas com o objetivo de recolher as impressões dos inquiridos relativamente às seguintes questões:

- De que recursos legais, entre outros, podem as organizações escolares e os professores socorrer-se perante uma situação de *bullying*/violência quando a vítima é o docente?
- Tendo em conta o cargo que desempenha, qual é, no seu entender, o papel da liderança da escola em relação a um docente vítima de *bullying*/violência?
- Gostaria de mencionar mais alguma situação que não tenha sido abordada ao longo do questionário?

Apresentam-se, de seguida, algumas das respostas mais pertinentes:

A legislação em vigor não permite ao docente agir de uma forma que possa resolver directamente este assunto e neste sentido apenas o recurso às forças policiais e as outras

instituições poderão ser a solução e em simultâneo, baseado no Regulamento Interno, a instauração de um processo disciplinar (Presidente do Conselho Executivo, do Conselho da Ribeira Brava).

O professor vítima de *bullying* deve recorrer ao Conselho Executivo (Presidente do Conselho Executivo, Conselho de São Vicente).

Hoje em dia, é difícil para Escola lidar com situações de *bullying*, principalmente quando a vítima é docente. Penso que apesar de no Estatuto do Aluno estarem regulamentadas apenas para os alunos, que usam da violência para com outros, ainda não é percebido pelos alunos nem pelos encarregados de Educação como legislação e como meio de punição (Director, Conselho do Funchal).

Socorrer-se da polícia, somente e infelizmente (Director, Conselho de Câmara de Lobos).

Todos os respondentes mencionaram pontos comuns, no que toca aos meios disponíveis para o combate destas situações como por exemplo:

- Aplicação de medidas disciplinares;
- Estatuto da Carreira Docente e Estatuto do Aluno;
- Processos disciplinares;
- Regulamento Interno;
- Secretaria Regional de Educação e Cultura (SREC).

Foi colocada, aos inquiridos, a seguinte questão aberta: "No seu entender que de forma o percurso profissional do docente pode ser colocado em causa perante uma situação de *bullying*/violência?" De seguida, mencionam-se algumas das respostas obtidas que se revelaram pertinentes para a análise dos resultados.

Qualquer docente, antes de mais, é um ser humano. E para se sentir minimamente motivado para o trabalho que exerce tem que se sentir bem consigo próprio. Uma vez fragilizado por situações de violência ou *bullying* o seu "rendimento" profissional é afectado (Presidente do Conselho Executivo, Conselho de Santana).

Se o professor a "perder a cabeça" e mesmo para se defender, responder da mesma maneira poderá ter o seu percurso profissional em causa, porque muitas das vezes este não é defendido pelos seus superiores e a comunicação social encarrega-se de o "difamar" sem ter as devidas certezas dos acontecimentos (Director, Conselho da Ponta do Sol).

De um modo geral, e tendo em conta as respostas obtidas, pode aferir-se que todos os Diretores de Escola e Presidentes dos Conselhos Executivos focaram as seguintes situações:

- Coloca em causa a continuidade na profissão;
- Desmotivação no desempenho das funções;
- Imagem socioprofissional degradada;
- Instabilidade emocional;
- Perda de autoridade;
- Perda do autocontrolo;

- Sentimento de insegurança no desempenho profissional;
- Stress causado pela situação.

“Tendo em conta o cargo que desempenha qual é, no seu entender, o papel da liderança da escola em relação a um docente vítima de bullying/violência?” De seguida apresentam-se as respostas mais pertinentes e relevantes para este estudo.

Penso que a liderança da Escola deverá apoiar o docente e encontrar os meios necessários para colmatar a situação. Deverá em conjunto com o docente, averiguar as razões que levam a essa situação e assim dar o devido encaminhamento ao caso (Director, Concelho do Funchal).

Apoio total ao docente dentro das limitações da liderança da escola. Ouvir, compreender e apoiar o docente, são funções do líder da escola que deverão estar sempre presentes em situações de violência escolar (Director, Concelho da Ponta do Sol).

Apoio e pouco mais (Director, Concelho da Calheta).

De referir que houve consenso nas respostas obtidas no sentido do apoio e segurança à vítima por parte da liderança das organizações escolares. As respostas valorizaram:

- O apoio, quer jurídico, quer psicológico;
- A garantia da segurança da vítima.

Conclusões

O desenvolvimento e aplicação deste estudo permitiu conhecer a expressão do fenómeno do bullying/violência na RAM. Entende-se que este é ainda um fenómeno discreto na Região, uma vez que não foram registados demasiados casos de bullying/violência, considerando que foram poucos os docentes que afirmaram já terem sido vítimas de bullying/violência por parte dos seus alunos. De salientar que o tipo de bullying mais referenciado foi o verbal. Relativamente a este facto, as respostas dos docentes, de um modo geral, foram unânimes ao afirmar que o bullying/violência, independentemente das formas que assume, tem consequências na sua atividade profissional. Os professores vítimas de bullying/violência podem ter o seu percurso profissional afetado, o decorrer das aulas comprometido, pois o professor não se sente confortável para lecionar uma aula onde o ambiente é marcado pela indisciplina e até por agressões, quer sejam verbais, psicológicas ou físicas. Aferiu-se que muitos são os docentes que sentem vergonha e ansiedade quando confrontados com situações de bullying/violência. Muitos docentes queixaram-se da falta de autoridade que lhes é conferida. Esta carência traduz-se numa impossibilidade de controlar determinados comportamentos dentro da sala de aula.

Muitos dos docentes mencionaram a fragilidade do sistema educativo no que concerne à proteção dos docentes vítimas de bullying/violência e alguns chegaram mesmo a mencionar o desconhecimento de qualquer meio ou recurso existente na organização escolar para se socorrerem em caso de bullying/violência. Contudo, percebeu-se que existe já uma maior preocupação, por parte dos Diretores e Presidentes dos Conselhos Executivos

em tentar perceber as situações de bullying/violência. Há também a registar a crescente preocupação que vem sendo demonstrada na tentativa de se explicarem estes fenómenos, o que por sua vez se traduz numa procura de medidas interventivas nestas situações.

Relativamente às causas encontradas para estes fenómenos, os resultados permitiram concluir que a grande maioria aponta responsabilidades aos pais na educação dos seus filhos.

Relativamente às medidas de prevenção pode afirmar-se que existe consenso entre o que os docentes afirmaram e o que a literatura aponta. Ambos referem a importância no sentido de se trabalhar na prevenção ao invés da punição. No que concerne às medidas de prevenção que poderiam ser adotadas, foi possível aferir que a aplicação de medidas mais severas, em casos de bullying/violência contra o docente, podem atenuar estes casos e evitar futuras situações.

Finalmente, resta acrescentar que existe, ainda, um trabalho contínuo a ser desenvolvido no sentido de um maior empenho e dedicação por parte de todos os agentes educativos e demais entidades. O esforço deverá ser orientado com base na promoção de comportamentos saudáveis que se traduzam num ambiente escolar mais propício ao bom relacionamento. Assim, o trabalho a ser desenvolvido deverá apostar na prevenção, tendo como base a comunicação entre todos os agentes educativos.

Referências bibliográficas

- Barros, N. (2010). *Bullying- Violência nas Escolas*. Lisboa: Bertrand Edições.
- Debarbieux, É. (2007). *Violência na Escola. Um desafio Mundial?*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Carvalhosa, S. (2010). *Prevenção da Violência e do Bullying em Contexto Escolar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Rodríguez, N. E. (2007). *Bullying: Guerra na Escola*. Lisboa: Sinais de Fogo.
- Seixas, S. (2006). *Comportamentos de Bullying entre pares: Bem estar e ajustamento escolar*. (Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra). Disponível em:
<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/111/1/Tese.Dout.Sonia.Seixas.pdf>
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação (2ª ed.)*. Lisboa: Livros Horizonte.